

## A's nossas leitoras

Acabamos de editar um livro que nos parece do mais elevado alcance e utilidade para as senhoras.

E' um *Tratado Completo de Risco de Moldes, Corte, Costuras, Enfeite, etc.*

O livro, nitidamente impresso reune, em materia de moda, tudo quanto o bom gosto póde exigir.

Escrepito com muita clareza, servido por um numero consideravel de gravuras, reune este tratado os elementos indispensaveis e necessarios ás senhoras que se esmeram no feitiço de seus vestuarios.

E nem se pense que se trata unicamente de uma obra para costureiras; muito ao contrario, foi outro o nosso proposito editando este livro.

O seu principal merito consiste em poder ser aproveitado por todas, tanto as que fazem profissão da costura, como meio de vida, como as que preferem preparar em suas casas, os seus vestuarios, seja elle muito embora de custosos detalhes e minucias de córte muito exigentes.

Feito e arranjado com rara habilidade por notaveis costureiras do velho mundo, o nosso novo tratado de costura é uma verdadeira novidade entre nós.

E' dividido em dez partes:

1ª, tomada das medidas; 2ª, modo de empregar os moldes das folhas especiaes; 3ª, risco de um molde; 4ª, o córte; 5ª, alinhavo e prova; 6ª, acabamento das diversas peças; 7ª, costuras, forro, modo de acolchoar e disposições para fechar as diversas peças do vestuario; 8ª, enfeites; 9ª, guarnição; 10ª, o córte fundamental e a moda.

Todas estas partes em que se divide o livro estão muito desenvolvidas e replectas das mais minuciosas informações.

Quanto as gravuras são de um esmero e de uma nitidez a toda prova.

Podemos dizer, sem receio, que não tememos o confronto com qualquer outro trabalho congenero.

E, desvanecidos, na certeza de que prestamos um serviço de real valor ás nossas assignantes e leitoras, podemos affirmar que até hoje nada ha de comparavel no assumpto, em lingua portugueza ao tratado de costuras que acabamos de editar.

Este tratado tem a inestimavel vantagem de ser em todo o tempo uma obra util.

Quaesquer que sejam os caprichos da moda, encontrará nelle sempre a leitora intelligente, vasto e opulento manancial de informações, um guia seguro no córte de qualquer vestido, emfim, um mestre em toda a extensão da palavra.

A mais rapida leitura do nosso livro deixará a leitora convencida do que dizemos.

Temos a certeza plena de editarmos um livro inteiramente novo entre nós, interessante sob todos os pontos de vista que se relacionam com trabalhos de agulha, e util não só para as profissionais, como para as que o não são.

E' um manual que todas devem possuir.

## A inglezinha Barcellos

(Conclusão)

Dahi em deante, o pobre Caldas frequentou o bairro. Ia e vinha, passava muitas vezes, espreitava a hora em que pudesse ver Joaninha, ás tardes. Joaninha apparecia á janella; mas, além de não ser já tão assidua como antes, era voluntariamente

alheia á menor sombra de homem. Não fitava nenhum; não dava sequer um desses olhares que não custam nada e não deixam nada. Fizera-se uma especie de freira leiga.

— Creio que ella hoje me viu, pensava consigo o guarda-livros, uma tarde, em que elle, como de uso, passára por baixo das janellas, levantando muito a cabeça.

A verdade é que ella tinha os olhos na herva que crescia á beira da calçada, e o Caldas, que ia passando, naturalmente entrou no campo da visão da moça; mas tão depressa ella o viu, levantou os olhos e estendeu-os á chaminé da casa fronteira. Caldas, porém, edificou sobre essa probabilidade um mundo de esperanças. Casariam talvez naquelle mesmo anno. Não, ainda não; faltavam-lhe meios. Um anno depois. Até lá dar-lhe-hiam interesse na casa. A casa era boa e prospera. Vieram calculos de lucro. A contabilidade deu o braço á imaginação, e disseram muitas cousas bonitas uma á outra; algarismos e suspiros trabalharam em commum, taes como se fossem do mesmo officio.

Mas o olhar não se repetiu naquelles dias proximos, e o desespero entrou na alma do guarda-livros.

A situação moral deste aggravou-se. Os versos entraram a cair entre as contas, e os dinheiros entrados nos livros da casa mais pareciam sonetos que dinheiro. Não é que o guarda-livros os escripturasse em verso; mas alternava as inspirações com os lançamentos, e o patrão, um dia, foi achar entre duas paginas de um livro um soneto imitado de Bocage. O patrão não conhecia esse poeta nem outro, mas conhecia versos e sabia muito bem que não havia entre os seus devedores nenhum

Lyrio do ceu, lyrio cahido em terra.

Perdôou o caso, mas entrou a observar o empregado. Este, por sua desgraça, ia de mal a peor. Um dia, quando menos esperava, disse-lhe o patrão que procurasse outra casa. Não lhe deu razões; o pobre diabo, aliás tímido, tinha certo orgulho que lhe não permittiu ficar mais tempo e saiu logo.

Não ha máo poeta, nem guarda-livros relaxado que não possa amar devéras; nem ruins versos tiraram jámais a sinceridade de um sentimento ou o fizeram menos forte. A paixão deste pobre moço desculpará os seus desasos commerciaes e poeticos. Ella o levou por descaminhos inesperados; fel-o passar crises tristissimas. Tarde achou um máo emprego. A necessidade fel-o menos assiduo em Catumby. Os emprestimos eram poucos e escassos; por muito que elle cortasse á comida, (morava com um amigo, por favor), não lhe davam sempre para os collarinhos immaculados, nem as calças são eternas. Mas essas ausencias longas não tiveram o condão de abafar ou attenuar um sentimento que, por outro lado, não era alimentado pela moça; novo emprego melhorou um tanto a situação do namorado. Voltou a ir lá mais vezes. Era fim do verão, as tardes tendiam a diminuir, e pouco tempo lhe restaria dellas para dar um pulo a Catumby. Com o inverno cessaram os passeios; Caldas desforrava-se aos domingos.

Não me pergunteis se tentou escrever a Joaninha; tentou, mas as cartas ficavam-lhe na algibeira; eram depois reduzidas a verso, para supprir as lacunas da inspiração. Recorreu aos bilhetes mysteriosos, nos jornaes, com allusões á moça de Catumby, marcando dia e hora em que ella o veria passar. Joaninha parece que não lia jornaes, ou não dava com os bilhetes. Um dia, por acaso, succedeu achal-a á janella. Succedeu tambem que

ella sustentasse o olhar delle. Eram velhos costumes, geitos de outro tempo, que os olhos não haviam perdido; a verdade é que ella não o viu. A illusão, porém, foi immensa, e o pobre Caldas achou naquelle movimento inconsciente da moça uma adhesão, um convite, um perdão, quando menos, e do perdão á complicitade bem podia não ir mais que um passo.

Assim correram dias e dias, semanas e semanas. No fim do anno, Caldas achou a porta fechada. Cuidou que ella se houvesse mudado e indagou pela vizinhança. Soube que não; uma pessoa de amizade ou ainda parenta, levava a familia para um sitio no interior.

— Por muito tempo?

— Foram passar o verão.

Caldas esperou que o verão acabasse. O verão não andou mais depressa que de costume; quando começou o outono, Caldas foi um dia ao bairro e achou a porta aberta. Não viu a moça, e achou exquisito que não regressava de lá, como antes, comido de desespero. Póde ir ao theatro, póde ir cear. Entrando em casa, recapitulou os longos mezes de paixão não correspondida, pensou nas fomes passadas para poder atar uma gravata nova, chegou a recordar alguma cousa parecida com lagrymas. Foram por ventura os seus melhores versos. Vexou-se desses, como já se vexára dos outros. Quiz voltar a Catumby, no domingo proximo, mas a historia não guardou a causa que impediu esse projecto. Só guardou que elle tornou a ir ao theatro e a cear.

Um mez depois, como passasse pela rua da Quitanda, viu paradas duas senhoras, deante de uma loja de fazendas. Era a inglezinha Barcellos e a mãe. Caldas chegou a parar um pouco adeante; não sentiu o alvoroço antigo, mas gostou de vel-a. Joaninha e a mãe entraram na loja; elle passou pela porta, olhou sem parar e foi adeante. Tinha de estar na praça ás duas horas e faltavam cinco minutos. Joaninha não suspeitou sequer que alli passára o unico homem a quem não correspondeu, e o unico que verdadeiramente a amou.

MACHADO DE ASSIS.

## Paqueta

Paqueta, meu amôr, em teus olhares  
Leio um carme de maguas concentradas!  
Vejo-te as faces brancas, desbotadas,  
Testemunhando insomnias e pezares!

Urge partir! Bem vês... os nenuphares  
Ao fról das aguas mansas e niladas,  
Nas pet'las tem os toques singulares  
Das tuas mãos outr'ora carminadas.

Vais para longe! Vais! A tua imagem  
Perto estará de mim... Feliz viagem!  
Não ha distancias para o amor ungado.

Outros climas vigorem-te a saude;  
Toda a minh'alma é como um alaúde...  
Partes, deixando um coração partido!

CINCINATO GUTERRES.

## Insomnia

\* Escuta, minha querida, a estranha historia:  
Cançados de dormir por muitos seculos, os tumulos despertaram e disseram ao somno:  
— Não te queremos mais... Vae-te, deixa-nos!  
E o somno, assim brusca e impetuosamente repellido, abandonou os tumulos.

Rompia a madrugada, ouvia-se já o chilrear das aves e eu revolvía-me ainda no meu leito, sem conseguir adormecer, sem que me fosse dado afastar de mim a tua imagem.

E como que sentia nos labios a doçura ineffavel dos teus beijos e no rosto a caricia avelludada do teu cabelo.

Bateram á porta.

— Os tumulos expulsaram-me. Venho pedir-te guarida e offerecer-te repouso, a ti, que queres dormir e não podes — disse-me o somno.

E eu, extenuado, retorqui-lhe:

— Volta para os tumulos!

## CHRONIQUETA

Rio, 7 de Julho de 1894.

Sadi Carnot. — A esquadra branca — O Lyrico. — Um soneto.

O barbaro assassinato de Sadi Carnot foi o grande acontecimento da quinzena; mas a minha chroniqueta já vem fria de neve para commental-o.

Quantos factos já se têm passado depois d'isso! O punhal que penetrou no coração do presidente correcto e probo, que se impunha á admiração e ao respeito não só da França mas do mundo inteiro, já está de novo erguido contra Casimir Perier, o estadista que ergueu nos hombros a pesada successão do illustre morto!

O Anarchismo não recua na sua obra de destruição e morte, na sua campanha de vingança e odio! Apesar de toda a energia dos governos, apesar de todas as medidas repressivas, receio muito ainda tenhamos que assistir a convulsões violentissimas neste rabinho de seculo!

\*

No dia em que esse nefando attentado ensanguentou a França livre, a França de Jeanne d'Arc e Danton, a França de Victor Hugo e Gambetta, o Rio de Janeiro vibrou de entusiasmo vendo entrar a esquadra brasileira nas aguas da sua formosissima bahia.

Vinham os navios garbosos, todos de branco, para não se parecerem com a esquadra negra; vinham uns atraz dos outros, envolvidos no fumo alegre da artilheria que não mata. Só faltava entre elles o *Aquidaban* que, envergonhado, esperou a noite para entrar.

Como seria imponente essa festa se o dia não estivesse chuvoso e nublado! Ainda assim, o espectáculo foi magestoso! A's leitoras que não tiveram a fortuna de vel-o, recommendamos o quadrinho que o nosso Castagnetto expõe na *vitrine* do Costrejean.

\*

As leitoras não me perdoariam, creio, se eu lhes fallasse da questão do *estalo de sitio*, que actualmente se agita no Congresso Nacional; preferem — apostol! — que eu lhes falle do theatro lyrico, da Gabbi, do Camera, do De Marchi, do Avedano, da Guerrini, do *Othelo*, da *Gioconda*, etc.

Sim, minhas senhoras, fallar-lhes-ei das operas, dos cantores, da esplendida orchestra do Mancinelli, da pompa dos scenarios, das roupas e dos accessorios; sim, tudo é bom, muito bom, esplendido, esplendissimo... Entretanto, que seria tudo isso sem vossas excellencias?... Oh! vossas excellencias são o riso, a alegria, a respiração, a vida e o alento do Lyrico! Saíam vossas excellencias do theatro, abandonem a sala do espectáculo, e digam-me depois que mais valem os cantores, e os musicos, e as bailarinas, e os scenarios!...

Nas bellas noites do Lyrico folgam os meus ouvidos, extasia-se a minh'alma, enlevada pelo inexpressivel encanto da musica, não ha duvida; mas os meus olhos... oh! os meus olhos não seriam felizes se vossas excellencias não estivessem uma aqui, outra alli, esta cá em baixo, aquella lá em cima, á esquerda, á direita, em toda a parte, enchendo de graça e perfume o desgraçado barracão da Guarda-Velha!

\*

Para finalizar com geito a minha chroniqueta, offereço ás leitoras um soneto que de Pernambuco me foi remettido pelo autor. Eil-o:

### ESCOLA FLAMENGA

Desce o luar ao bosque e o orvalho desce  
Chrystallizando os calices das rosas;  
De rosas de ouro todo o céu florece  
Em cascatas de espumas luminosas.

Cingindo o verde bosque o rio cresce  
De immotas aguas álgidas, radiosas,  
Onde do vento, entre o arvoredo, a prece  
Põe fugitivas sombras vaporosas...

Ao fundo avulta a negra massa informe  
De um medievo mosteiro em negras ruinas,  
Como um phantasma colossal que dorme...

E em torno, á triste solidão cortando,  
Crê-se inda ouvir as monjas peregrinas  
Um «Miserere» lugubre cantando!

PAULO DE ARRUDA.

Recife.

Toma-me o poeta pelo director da parte litteraria da *Estação*. Tenho a dizer-lhe que nesta folha sou o que sempre fui: um simples collaborador.

ELOY, O HERÓE.

## Matinal

Levanta-te, creança! A madrugada  
Anda lá fóra a matta despertando,  
Nas taças dos corymbos entornando  
Por entre o aroma o nectar da orvalhada.

Para bebel-o, a douda passarada  
Salta dos ninhos fóra a aza espalmando...  
E vai em desafio recitando  
Gorgeios crystallinos pela estrada!

Irrompe o sol, qual um colíbrío, agora,  
D'entre a corola rutila da aurora,  
E pelo ceu, por sobre a matta, avança

Das azas sacudindo pelos ramos  
O pollen d'ouro...Ao bosque! Ao bosque! Vamos  
Buscar flôres! Levanta-te, creança!

HORACIO GUTERRES.

## THEATROS

Rio, 7 de Julho de 1894.

O Rio de Janeiro sustenta na actualidade duas companhias lyricas italianas, uma para os ricos, outra para os pobres, uma no theatro Lyrico, outra no Polytheama.

Eu sou pobre, mas confesso que só conheço a companhia dos ricos. Ainda não fui ouvir os artistas do Polytheama; entretanto, é voz geral que são bons. O grande caso é que têm um repertorio opulento, e que o theatro está sempre cheio! Pelo preço, pudéra!

A companhia do theatro lyrico é, a julgar pelos dous primeiros espectaculos, uma companhia de primeira ordem. A *Gioconda*, de Ponchielli, e o *Othelo*, de Verdi, foram primorosamente cantados.

O *maestro* Mancinelli trouxe-nos alguns artistas que já conhecíamos: a Gabbi, o De Marchi, o Camera, o Rubini, e outros. Na *Gioconda* travámos conhecimento com a meio-soprano Guerrini, e no *Othelo* com o tenor Avedano. Agradaram ambos immenso.

Para hoje está annunciada a *Aida*, de Verdi.

\*

O Recreio Dramatico deu-nos a primeira representação do *Solar dos Barrigas*, opereta em 3 actos, de Gervasio Lobato e D. João da Camara, musica de Cyriaco de Cardoso.

A peça não é bem feita, mas o dialogo tem muita graça e a musica é lindissima.

A companhia do Recreio, que não é uma companhia de opereta, deu a essa opereta um desempenho que não scandalisou ninguém. Da *mise-en-scène*, de côros e da orchestra só ha que dizer louvores.

\*

*Nem a tiro!* opereta arranjada do francez de George Feydeau para o hespanhol não sei de quem, e do hespanhol não sei de quem para o portuguez do Dr Augusto de Castro, que é um dos nossos autores de mais habilidade e renome, agradou bastante no theatro Apollo. Libretto e musica foram bastante applaudidos, e o mesmo aconteceu aos artistas, á frente dos quaes manda a justiça collocar a Villiot e o Mattos, sem desfazer nos outros, que fazem boa figura.

*Nem a tiro!* vae ceder o palco ao *Solar dos Barrigas*, a mesma opereta do Recreio que — coisas do nosso theatro! — seduzio igualmente a empresa do Apollo.

\*

A Loie Fuller do S. Pedro é uma Loie Fuller de contrabando; não produziu o effeito que se esperava.

\*

No Sant'Anna fez-se *reprise* do *Bocacio*, de Suppé. Não fallemos de coisas tristes.

\*

No Lucinda ensaia-se *Amor patife*, opereta traduzida por Gastão Bousquet.

X. Y. Z.

## 0 57

Os recrutas, os *rolas*, como são conhecidos em tecnologia de quartel, não podiam ver o tenente.

Certo, o Valdez, apesar do cuidado que tinha em fazer esquecer a todos, com os seus galões, o tempo em que era simplesmente o 57 da 1ª, não conseguia occultar a sua origem humilde, pela figura atarracada e tosca, sempre pouco andava, pela ignorancia absoluta de assumptos que constituem uma mediana educação, pelas suas extravagantes opiniões e finalmente pela burlesca maneira de os expressar.

Para com os soldados o seu modo acre augmentava ainda; na instrucção era temido, e no emtanto, nada mais ridiculamente comico do que vel-o, quando elle muito aprumado, de kepe a banda e cigarro nos dedos, dizia com *pose*:

— Bem; vamos lá a ver se vocês sabem fazer as continencias que lhes ensinei; eu agora sou El-Rei.

E passava, fazendo continencias automaticas para todos os lados, enquanto os soldados apresentavam armas.

— Bom; agora sou S. M. a Rainha. E voltava, comprimentando amavelmente com o sorriso nos labios.

— Está bem, agora muita attenção e vejam lá o que fazem...

E grave, solememente, subindo a parada em passo cadenciado, gritava:

— Agora, sou... o Sagrado Viatico.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### Brinquedo

Simples, singelo, despretençioso é o quadro que hoje offerecemos ás nossas leitoras com o titulo supra.

Ella brinca, prazenteiramente com o gatinho, que rola voluptuosamente pelo chão, estimulado pelos carinhos de sua senhora.

Um entretimento que diverte ao animal e á moça o que constitue um prazer intimo de que ambos gozam.

### O Bosque

Paisagem sombria, não tem duvida, porém verdadeira e que dá uma idéa exacta do que são as florestas no Norte da Europa, é a nossa gravura que tem o titulo *Bosque*.

No genero é um bonito quadro, delicadamente trabalhado e digno da attenção das nossas leitoras.

**A boneca**

Todos os dias ella pedia ao dindinho uma destas bonecas que dizem *papa-mamã*. Era o seu ideal, della, a trefega e buliçosa creança que bem cedo, muito cedo, ficara orphã de pae.

Vira uma boneca assim, em casa da visinha, uma boneca allemã, muito grande que dizia *papa-mamã* e desde então lhe ficara aquella vontade de possuir outra igual, exactamente igual, com os mesmos olhos azues e os mesmos cabellos louros.

Nos seus sonhos cor de rosa, sonhos de creança, pura e branca, como a neve que borda os cimos das montanhas, apparecia-lhe sempre aquella boneca, que dizia *papa-mamã*.

Possuir uma assim era o seu ideal.

E embora pequenina experimentava um certo sentimento de repulsão pela filha da visinha, muito mais feliz do que ella, porquanto era senhora e possuidora do que ella mais almejava neste mundo: uma boneca que dissesse *papa-mamã*.

Era o sentimento egoistico da inveja que desabrochava n'aquelle ser louro, como um raio de sol, mimoso como uma violeta.

Havia n'aquelle coraçãozinho de anjo o germen disso a que se chama peccado; o desejo de se ter o que os outros têm; mas na pobre creancinha esse germen era apenas a explosão da propria natureza humana que começava a se revelar nas suas mais elementares manifestações.

Invejava a boneca da filha da visinha; mas naturalmente desconhecia o que era inveja.

Sentimentos assim não maculam a alma pura de um ser terno como um lyrio.

Todos os dias pedia ella ao dindinho que lhe trouxesse a boneca que promettera e o dindinho promettia sempre... que sim, havia de trazer, no dia seguinte... ainda não tinha chegado; esperava um amigo que devia vir da Europa... então a menina havia de ver... que boneca chic... dizia *papa-mamã*, exactamente como ella desejava.

Mas o dindinho, embora muito bom avô e muito amiguinho de sua netinha, apenas punha o pé fóra de casa, esquecia-se de tudo quanto se passava no lar domestico para só pensar no seus afazeres de negociante abastado, importador, chefe de uma importante casa de commercio. E sómente de regresso ao lar, lembrava-se da promessa que fazia á sua querida netinha.

Todos os dias novas recriminações por parte da pequena e novas desculpas por parte do velho.

A santinha já não sabia de que modo havia de ralhar com o avô e este de que modo havia de se desculpar.

Passou o tempo agradável de Agosto e Setembro; veio Outubro; Novembro annunciou o calor e em Dezembro já o Rio de Janeiro era victimado por toda a sorte de febres de mau caracter.

A epidemia desenvolvia-se de um modo assombroso.

A Julinha, a menina da boneca foi uma das primeiras victimas.

Cahiu em uma manhã em que o sol surgiu no horizonte, rubro, vermelho, como um grande caustico de brazas.

A sua doença durou apenas dia e meio.

Mas durante este curto periodo, em que a febre a devorava ella dizia sempre:

— Dindinho, dindinho, a minha boneca ?!

O velho, louco de dôr, allucinado, desanimado pelo ar do medico a quem confiara a pequena enferma, foi procurar a tal boneca que dizia *papa-mamã*, na esperança insensata, como um naufrago que se agarra a ultima tabua de salvação, de poder por uma explosão de alegria, reviver aquelle adorado corpinho que se debatia nas angustias de uma enfermidade cruel.

Percorreu o Rio de Janeiro em procura da boneca. Foi encontral-a, em um armarinho de segunda ordem.

Voltou á casa, n'um tilbury, depois de haver recommendado ao cocheiro que tocasse á toda força.

Quando chegou, Julinha agonisava.

O velho, como um furacão empurrou a porta do quarto, debruçou-se sobre a netinha, beijou-a muito, muito; e depoz sobre o seu corpinho a boneca que comprou e disse:

— Aqui tens, minha filha; aqui tens a tua boneca.

A menina a custo abriu os olhos; deitou para o avô um olhar vago e murmurou em voz quasi imperceptivel:

— Só agrá, dindinho!

E expirou, sorrindo como os anjos.

Os seus ultimos movimentos foram de amplexo para a boneca que dizia: *papa-mamã*.

**VINHO DE CHASSAING**  
BI-DIGESTIVO  
Recetado ha 30 annos  
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS  
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. *Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.*

PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

**PRISÃO DE VENTRE**  
é curada com o verdadeiro  
**Pó Laxativo de Vichy**  
do D. SOULIGOUX  
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de se tomar  
O vidro de cerca de 25 doses : 2 fr. 50  
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

**PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET**  
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrõe as frieiras e as rachas.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
*Para ser bella a encantar todos os olhos* deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

**POUCOS CABELLOS**  
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
os dentes estragados, sanée-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NINON DE LENCLOS**

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 51 à PARIS.

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**  
pó de arroz especial e refrigerante;  
**Le Savon Crème de Ninon**  
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

**LAIT DE NINON**  
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

**LA POUDERE CAPILLAIRE**  
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

**SEVE SOURCILIÈRE**  
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

**LA PATE ET LA POUDERE MANODERMALE DE NINON**  
lãra finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

**VELOUTINE**  
PÓ DE FLOR DE ARROZ especial  
PREPARADO COM BISMUTHO por

**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS

**XAROPE DE FLON**

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.  
*Soberano contra*

**DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS**

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

*Acha-se em todas as Pharmacias.*

**Espartilhos DA CASA DE VERTUS Sœurs**  
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS Sœurs acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.

**MARCA REGISTRADA**



## O BOSQUE

## Nupeias

A ELVIRA VALLE

O crepusculo tímido se aninhava por entre as arvores substituindo o sol que desde pela manhã se escondera por entre nuvens pardas e espessas, sem deixar entrever sequer uma pequena nesga azul, que se deslocasse das pezadas nuvens intermediarias que aváras o encobriam.

Junho apresentava-se frio, humido, quasi impropicio ás galas de um noivado que tivera logar n'uma capella particular e que á porta de um prédio nobre com jardim na frente, fizera aguçar a curiosidade dos pacatos moradores da rua Monte Alegre, em Santa Thereza, que, ou alongavam os pescoços nas janellas para lobrigarem a noiva, que semelhante a uma sombra passara pelo braço do marido, ou chegavam curiosamente ao portão da chacara para o mesmo fim.

Não era como vimos, uma tarde de anil toda marchetada de nuvens brancas ou rozeas, com fitas de sol a espelhar-se nas collinas cobertas de verdura que se avistavam além.

Não era uma tarde cheia de nuances caprichosas que febricitasse a imaginação ardente dos que pensam e engolpham o olhar pelas tranquillias aguas do oceano, diaphano na sua profundidade, não era uma tarde de poesia pela magestade dos contornos magicos, que produzem ao coração o desejo de subir as camadas do infinito até chegar onde não chegam as vistas profanas; ao contrario era monotona, feia e baça, no chumbado manto que a envolvia.

O dia, despertára sem cantos. Pouca luz, e desigual; vento cortante, frio e cruel no chicotear das vergasteas sobre a epiderme, ameaçando tempestade.

Tudo quanto ao longe a vista lobrigava, era triste, humido, e quasi desolador.

Até as arvores, os colossos vegetaes, haviam perdido no perfil dos seus troncos, no gracit rendilhado dos intersticios dos braços cheios de seiva o brando movimento das suas folhas.

Sómente a relva eternamente macia e fôfa, servia de leito a arbustos cobertos de flores, onde as rosas, os cravos, as fuschias, as madresilvas vermelhas e os bogarins, espalhavam no ambiente a fragancia dos seus calices no consorcio do hydrogenio e do oxygenio, como para saudar a recém-casada que minutos antes havia transposto a porta da sua nova residencia, seguida dos convivas que a levaram ao Capitolio da mulher.

Presumia-se e era mesmo crível, que a harpa eólia do destino tangida por fadas empyricas, derramasse no lar onde o amor habitaria, os doces accordes de musica desconhecida, ouvida das harmonias do céu, através dos doirados tectos, dando na discreta sombra de luz que se escoava pelos cortinados de preço o tom

da delicadeza de sentimentos puros e sãos; que nessa tarde, tendo como origem as galas de um noivado, suspirassem canticos e flores, inspirações e fidelidade, no idyllio sublime que dispersa para sempre profundas agonias.

Tudo era tétrico.

Cupido, o terno, e symbolico emissario do amor, desceria do olympo batendo as azas garridamente, atirando jasmims e rozas sobre os desposados em profusão, obrigando-os a entrever gozos sublimes.

Sentados ambos no logar de honra, faziam summo contraste.

Elle, moreno, forte, altivo, resolutivo; ella, loura, muito loura, como as espigas de trigo, alva, ligeiramente cerada, feições correctas, olhos semelhantes a dous myosotis, meiga e tão casta, que a julgar-se pela suavidade do todo, lembrava uma Madona Raphaellesca.

A madrinha, levantou-lhe o véo. Rubra vermelhidão abrio-lhe as faces, ainda que, com graça extrema repartisse as flores de laranjeira, ás quaes não tinha mais direito, no que elle compartilhava orgulhosamente satisfeito, olhando-a amoroso, o que a fazia perturbar ainda mais.

Todos sorriam nas congratulações. Um dia de nupcias, traz consigo uma alegria contagiosa.

Para os noivos, o passado, o presente, e o futuro, resume-se n'aquellas horas sobre tudo á mulher, que vai entrar no ignoto, accarretando sobre si os espinhos da virtude, ou os esgarés da maledicencia, na menor palavra, no mais innocente olhar.

A tempestade, que desde pela manhã ameaçara, desabava lentamente. Cahiam bategas d'agua; a espaços, ouvia-se trovejar; os relampagos, cortavam as nuvens.

Rapidamente as senhoras puzeram sobre os hombros as peliças em quanto os cavalheiros apressavam as despedidas.

Ao sahir o ultimo convidado, ella reparou que uma flor de laranjeira achava-se isolada no tapete.

Apanhando-a, deu-a ao marido que beijou-lhe a dextra, e a convidou a entrar no *boudoir* cujo respeitador interior occultava o mysterioso gabinete nupcial.

Desencadeiara-se medonho o furacão em quanto elles felizes, penetravam no sanctuario de amor.

Mas, que lhes importava a furia dos elementos, quando tinham em festa o coração?

IGNEZ SABINO.

## O padre Lourenço

O padre Lourenço era o que se pode chamar um casca grossa.

Vigario de Batury, em Goyaz, havia uns bons quarenta annos, os seus parochianos o adoravam, este é o termo.

Alli se estabelecera, quasi logo depois de ordenado e alli vivia cercado da estima e do respeito de todos quantos o conheciam.

O que o padre Lourenço disia era um evangelho; das suas sentenças não havia appellação nem agravo.

O que disia estava muito bem dito e *per omnia secula seculorum*.

Elle era rabujento, isso era; não tolerava a menor falta de cumprimento aos deveres e ás praxes religiosas.

Em chegando a quaresma se apanhava alguma de suas ovelhas a comer carne nas sexta-feiras, obrigava-a a purgar-se do peccado, com castigos rigorosos de fazer tremer ceus e terra.

Gritava por tudo e em todas as casas daquellas familias do lugar tinha o direito de levantar a voz mais alto do que o proprio dono da casa.

De ordinario os habitantes do lugar tinham o padre Lourenço como um oraculo e a suas rabujices, como demonstração da santidade de sua vida e da pureza de seus costumes.

Elle dava esmolas e de sobra, tudo quanto lhe vinha as mãos ia fagua abaixo; mas entendia que ainda assim não estava quites com o Senhor e que era preciso dar mais, muito mais.

Desgraçadamente as suas posses mal chegavam para a sua parca subsistencia e para attender aos pedidos de meia duzia de necessitados.

A batina, talvez a unica que possuia, estava ja muito sovada pelo uso e pelo serviço. Isso pouco o incommodava. Comtanto que tivesse o que dar aos outros, a sua pessoa ficava em segundo plano.

Lá casca-grossa era elle, e da gemma: rabujento, impertinente, ralhando por tudo e com todos. Um coração de ouro mettido dentro de um envulcro de ostra.

Quando o conheci ja o bom do padre roçava pelos seus sessenta annos feitos.

Estava ainda forte, espigado, a cara cuidadosamente raspada, muito asseada, com o seu lenço de tabac atirado por cima do hombro, a passear tranquillamente.

Apresentaram-me a elle.

— O Sr. F...

— O Sr. vigario...

— Muito prazer em o conhecer, Sr. vigario.

— Da mesma forma. O Sr. é da cidade?

— Sim, senhor.

— Hum!...

E soltando esta exclamação, o padre assoou-se e sorveu nova pitada de rapé.

— Então o senhor é da cidade? repetio elle, olhando bem de frente para mim.

— Sim, senhor.

— Do Rio de Janeiro?

— Exactamente.  
 — Da Côrte?  
 — Isso mesmo.  
 — Compadre, disse elle voltando-se para a pessoa que me apresentara, um fazendeiro do lugar; tome senti-lo com a sua Mariquinhas e com a Julieta tambem que já não está creança.  
 Si já não estivesse prevenido, naturalmente, sentir-me-ia insultado com a recommendação.  
 Um piscar de olhos do fazendeiro e o que eu já sabia a respeito fizeram-me ficar calado.  
 — Cuidado com a Mariquinhas, proseguio elle, como um estribilho.

E como que em signal de desprezo para commigo voltou-me as costas e começou a conversar com o fazendeiro, sobre gado, pasto... tudo, como se eu alli não estivesse.  
 Decididamente o demonio do padre tinha birra da gente da cidade; implicava com todos quantos vinham da Côrte que, na sua opinião, eram em geral, uns malandros, uns seductores, aos quaes se devia fechar a porta como a um lobo feroz.  
 E nunca mais foi-me possível angariar as sympathias do padre Lourenço.  
 O homem cortejava-me, mas sempre de longe, muito á distancia, como se receiasse o meu contacto.  
 Eu por meu lado não queria abordeal-o, temendo alguma nova grosseria.  
 E, assim vivemos durante perto de dois annos, quasi que como inimigos.  
 Posso entretanto afirmar que lhe não tinha a menor zanga.

No fim deste tempo ia eu casar-me com uma das filhas do fazendeiro que me havia apresentado ao padre Lourenço.  
 Era a filha do coronel Silva, rico proprietario d'aquella circumvisinhança.  
 O celebrante da cerimonia foi o padre Lourenço.  
 Terminado o acto, o bom do homem abraçou-me com toda a effusão e depois de olhar-me bem de frente, exclamou:  
 — Creia que eu nunca supuz que um homem da Côrte fosse capaz de ter palavra!  
 Sim Senhor!

OLIVEDO.

Foi feliz!...

Encontrei-a ha quinze dias quando atravessava o largo do Intendente.  
 Muito branca, sempre com aquelle sorriso que nunca a deixou; perguntei-lhe como estava.  
 — Melhor, muito melhor.  
 E uma tosse secca, provocante, que lhe esfranjava os labios de sangue, accommetteu-a durante uns minutos.  
 Pretendi animal-a, que não havia de ser nada... que o tempo agora melhorara... uma permanencia no campo...  
 E ella, melancolica, com o olhar absorto:  
 — Para que me diz isso? Sinto que estou condemnada... Sabe a minha maior tristeza qual seria? Era morrer no inverno. Não ha flôres.  
 No peito lá estavam duas rosas, uma vermelha, outra quasi negra.  
 — São as minhas compauheiras! acrescentou sempre com aquelle sorriso triste que tão bem lhe ficava.  
 E despediu-se.  
 Acompanhei-a com a vista até desaparecer.

\*

Ainda agora alguém chamou-me.  
 — Morreu a Adelaide!  
 Era a tal muito branca, que tinha uma tosse secca que lhe enfranjava os labios, que sabia estava condemnada, e que ao apontar uma rosa vermelha e outra quasi preta que lhe ornavam o vestido, me dissera com um sorriso melancolico:  
 — São as minhas companheiras!  
 Corri a sua casa.  
 A porta um carro doirado.  
 Dois trens acompanhavam.  
 O padre ainda não viera.  
 Quando entrei, o caixão já estava fechado.  
 Pedi para m'o abrirem.  
 O cangalheiro resmungou o quer que fosse.  
 Em attenção á morta fingi que não ouvia.  
 Affastei o lençol que a envolvia, e na frente depuz-lhe o beijo da amizade mais sincera e desinteressada que ella tinha tido.  
 Vestia um habito azul e branco, e no seu rosto transparecia uma serenidade como eu nunca até então vira em nenhum cadaver.  
 O seu sorriso era o de uma santa.

Pareceu-me comprehender essa serenidade, esse sorriso...  
 O caixão estava atulhado de rosas, de lilazes, de açucenas...  
 Morrera na primavera, quando os jardins estão cheios de verdura, e alguém que nunca a esquecerá deu-lhe essas flôres como companheiras.  
 Adivinharia ella que o seu mais acariciado desejo seria cumprido no final da vida?

L. A.

MOSAICO

Receita utilissima

Para se curar uma mulher bonita, é preciso conhecer-se primeiro o grau e intensidade da molestia. Conhecido o diagnostico, pode-se fazer as seguintes applicações:

- Amúo..... Um bouquet.
- Arrufo..... Um leque de pennas.
- Zanga .. .. Uma manta de casemira.
- Briga..... Um vestido de boa seda.
- Rompimento..... Um bonito collar de brilhantes.

(Este ultimo medicamento é encontrado a qualquer hora do dia e mesmo, si tanto for preciso, de noite, em casa dos droguistas Farani & C.)  
 Cura radical. O diabo é si a molestia toma caracter inter-nittente.

\*

Um homem bonito, mas estúpido, junto de uma mulher, consegue fazer mais figura do que um sabio espirituoso, mas feio.

\*

Quando em uma conversa se quizer ser agradável é preciso fallar sempre das boas qualidades dos que nos cercam e nunca das proprias.

\*

Um dia, Napoleão, o Grande, o vencedor de Austerlitz, de regresso de uma penosa excursão, voltou para França e teve de fazer alto, para descansar, elle e toda a columna expedicionaria que o acompanhava, em uma pequena cidade.

O maire sabendo do caso, reuniu toda a gente grada do logar, magistrados, authoridades, etc., e foi ao encontro do soberano.



Obtida com grande aborrecimento de Napoleão a devida venia, foi introduzido o *maire*, com a sua gente toda. O homemzinho sacou do bolso um enorme rolo de papel e começou :

— Sire, quando Cezar chegou á Roma...  
— Tinha jantado, atalhou Napoleão, e eu ainda não jantei. Queiram desculpar.

\*

A physica é o vasto repositório de todos os conhecimentos que mais de perto interessam ao homem, qualquer que seja a sua profissão.

PEDRO ORTIZ.

\*

Mais de qualquer outra sciencia a Anthropologia é susceptivel de exercer, um dia, notavel influencia sobre a nossa organização social.

\*

No reino animal se espalha toda a opulencia da natureza creadora.

HARTMAN.

\*

Antes que a terra, emergindo das ondas, se povoasse de animaes, habitaram-na as vegetações que a principio surgiram enfesadas, húmidas e raras.

OLIVEIRA MARTINS.

\*  
— Vês aquella que alli vem,  
Toda faceira e catita,  
E' moça muito bonita,  
Mas nunca amou a ninguem.

— Deixa estar que o amor um dia,  
A' porta lhe ha de chegar.  
— Não creias, pois a porfia  
Quantos vejo a requestrar!

— Questão de tempo, estou certo;  
Porque quando uma mulher  
Julga estar longe, está perto  
De amar um pulha qualquer.

OLIVAL.

\*

O melhor meio de um homem ser agradavel a uma mulher é fallar mal das outras.

\*

A Moral é a sabedoria dos seculos.

RODRIGUES BASTOS.

\*

A ambição de gloria é uma virtude, de fortuna um crime.

OCTAVIANO PIRES.

\*  
O homem feliz é aquelle que se contenta com que é e com o que tem.  
Não precisa mais.

J. LOPES.

\*

O trabalho moderado é um dever; em excesso attentado contra o corpo e contra a saude.

B. GOMES.

### ECONOMIA DOMESTICA

Limpeza do ouro, da prata e do cobre

Misture-se em 2 litros d'agua de fonte :

Acido sulfurico .....	32 grammas
» acetico.....	32 »
» oxalico.....	16 »

O summo de um limão e duas ou tres pitadas de pedra Tripoli.

E' preciso mexer bem tudo para para ser completa a mistura. Conserve-se esta mistura em garrafas ou frascos bem fechados.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete..... de AMARYLLIS DU JAPON  
Pó de Arroz.... de AMARYLLIS DU JAPON  
Essencia..... de AMARYLLIS DU JAPON  
Agua de Toucador. de AMARYLLIS DU JAPON  
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON  
Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON  
Brilhantina.... de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelezta-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Alivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embelezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebriques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR e PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

**L. T. PIVER em PARIS**  
IMPORTADOR DA  
NOVA PERFUMARIA Extra-fina

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

SABÃO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO pó de arroz..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
EXTRACTO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO BRILHANTINA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
ACQUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO OLEO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO POMADA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本薬方

Contra a ANEMIA, a FRAQUEZA  
o RACHITISMO, as ESCROFULAS  
o RHEUMATISMO, a TISICA etc.  
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO

**VINHO VIVIEN**

de EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO

Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradavel ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de **VINHO VIVIEN**, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhão.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS  
PARIS : 126, Rue Lafayette, 126

restabelece as  
forças, o appetite,  
as digestões; é o  
melhor reconstituinte  
das crianças, dos anciões,  
convalescentes e doentes

**VINHO DE PEPTONA CATILLON**

DO ESTOMAGO  
LANGUIDEZ, ANEMIA, etc.

Seu grande encontro tem dado origem a muitas imitações.  
Exiga-se a **PEPTONA CATILLON**,  
a unica citada no Boletim da Academia de  
Medicina de Paris, adoptada  
nos Hospitales de Paris  
e da Marinha.  
Dr. S. Martin, 3, PARIS, e nas boas Pharmacias.

**VINHO DE CATILLON**  
de GLYCERINA e QUINA

Poderoso tonico reconstituinte. Efficazes do oleo de bacalhão e das melhores quinas.  
LANGOR, FEBRES, DIABETIS, Molestias do FIGADO, etc.  
O mesmo vinho com ferro :

**VINHO FERRUGINOSO DE CATILLON**  
Regenerador por excellencia do sangue pobre.  
Estes vinhos fazem tolerar o ferro e a quina por todos os estomagos e não occasionam prisão de ventre.

NA EXPOZIÇÃO UNIVERSAL DE 1889.

**GLYCERINA CREOSOTADA**  
DE CATILLON

Prescripta com o melhor exito contras as

**MOLESTIAS DO PEITO, DEFLUXO**  
Catarrho, Bronchite, Asthma.  
Faz cessar a expectoração e a tosse.  
Superior ao Alcatrão de que a Creosote é o principio activo. Substitue o oleo de figado de bacalhão com a vantagem de ser tolerada por todos os estomagos, mesmo durante o grande calor.

PARIS, 3, B<sup>is</sup> S<sup>t</sup> martin e pharmacies

**HOUBIGANT**  
PERFUMISTA  
da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

**AGUA HOUBIGANT**  
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.  
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

**EXTRACTOS PARA O LENÇO :** Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violetta russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

**SABONETES :** Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

**PÓS OPHELIA,** Talismão de Belleza.  
**PÓS PEAU D'ESPAGNE.**  
**LOÇÃO VEGETAL** para os Cabellos.

**PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI**

TONICO \* FEBRIFUGO \* REGENERADOR

**VINHO do DOUTOR JOHANNO**

COM  
**QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE**  
**HYPOPHOSPHITOS**

Energico reconstituinte recommendado nos casos da POBREZA de SANGUE, — CHLOROSIS, — LYMPHATISMO, — FEBRES PERNICIOSAS, e principalmente ás Senhoras nos casos de FLUXO BRANCO, — MENSTRUACAO IRREGULAR, etc.

A venda em todas Pharmacias, PARIS: r. Lafayette, 126